

♥ maju ♥

pa  
ra  
le  
la

Copyright © 2016 by Maju Trindade

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

**CONCEPÇÃO EDITORIAL** Jana Rosa

**CAPA E PROJETO GRÁFICO** Tereza Bettinardi

**FOTO DE CAPA** Marlos Bakker

**FOTOS DO ENSAIO** Guilherme Nabhan

**PRODUÇÃO DE MODA E STYLING** Bárbara Besouchet e Jazzie Moysiadis

**MAKE** Vale Saig (capa) e Leila Turgante (ensaio)

**AGRADECIMENTOS** Vintage e Amigos, Gato Bravo, Minha Avó Tinha, Surreal Meias, Nike, Adidas, Lanchonete da Cidade

**PREPARAÇÃO** Carina Muniz

**REVISÃO** Adriana Moreira Pedro, Marise Leal e Patricia Calheiros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Trindade, Maju  
Maju — 1ª ed. — São Paulo: Paralela, 2016.

ISBN: 978-85-8439-033-5

1. Blogs (Internet) – Vídeos 2. Comunicação digital  
3. Internet 4. Redes sociais online 5. YouTube (Recurso eletrônico) I. Título.

---

16-04428

CDD-303.4833

Índice para catálogo sistemático:

1. Vídeos: Blogs: Internet: Comunicação digital 303.4833

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.editoraparela.com.br](http://www.editoraparela.com.br)

[atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br](mailto:atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br)

# ex- peste

Quando criança eu era terrível. Batia, mordida e arranhava as pessoas. Morava em um condomínio em Guarulhos com meus avós e desde uns seis anos eu basicamente vivia para aprontar. Descia para brincar com meus amigos e fazia xixi nas casinhas do parquinho. No mercado, esmagava os ovos de Páscoa até quebrar, abria caixas de chicletes para roubar alguns e apertava todos os sacos de salgadinhos da prateleira. Fazia muita coisa errada, causava muito no meu condomínio. Pegava os filhotinhos de cachorro de rua que não tinham dono e escondia dentro do armário do meu quarto para a minha avó não perceber. Uma vez comprei uma chinchila bem pequena e coloquei dentro da caixa do microfone do karaokê que a gente tinha em casa. Ela ficou morando lá por um dia, mas logo descobriram, então tive que soltar a coitadinha no jardim.

Quebrei o braço algumas vezes e esfolei a cara inteira caindo de bicicleta. Apanhava direto da minha avó por causar muito. Uma vez ela até me bateu com pano molhado! Nossa, como dói. Nem preciso dizer que ficava sempre de



castigo. “Ah, mas toda criança é meio terrível, Maju!” Não, gente, eu era pior. Certo dia, fui à casa de umas primas ricas da minha avó. Uma delas era tão fina que tinha celular. (Naquela época só quem era rico tinha celular.) Tive a brilhante ideia de roubar o aparelho dela para dar de presente de aniversário para a minha tia. Chegou o dia da festa, chamei minha prima e disse: “Olha o que vou dar para a sua mãe. Mas não fala para ninguém porque é surpresa”. É claro que ela contou para o meu tio, e ele contou para todo mundo. No meio da festa, minha tia Lia começou a orar na minha cabeça dizendo que eu estava perturbada. Minha avó precisou ir até a casa da mulher para devolver o celular — e, claro, passar uma puta vergonha.

Meus vizinhos não gostavam de mim. Com razão, porque todo mundo sabia que eu era terrível. E, por ser assim, me dei mal algumas vezes mesmo sem ter feito nada. Um dia o carro de uma vizinha apareceu todo riscado, provavelmente por um objeto afiado, e na mesma hora todo mundo colocou a culpa em mim. Era a minha fama: riscar carros com objetos afiados e tudo de mais maluco que existisse. Quando eu disse que não tinha sido eu, ninguém acreditou, e fiquei de castigo mesmo assim. Dias depois descobriram que tinha sido um menininho que morava no mesmo condomínio e também era uma peste. Mas ele era apenas o “vice-campeão” do condomínio, ninguém me vencia.

Até quando eu tentava ser boazinha me dava mal. Uma vez achei dez reais no chão do mercado e na hora escondi dentro da roupa. Quando cheguei em casa, fui direto para o parquinho onde estavam meus amigos, chamei todos e avisei que tinha dinheiro. Levei todos à banca do Márcio, que vendia vários doces incríveis — lá eu conseguia comprar umas quinze paçocas com um real e salgadinhos Fofura enormes por cinquenta centavos. Comprei doces para todos eles, e ainda sobraram cinco reais. Minha prima, que morava no mesmo condomínio, desceu para o parquinho, viu aquilo acontecendo e contou para a minha tia. Elas acharam que eu tinha roubado aquele dinheiro da minha avó e me levaram até ela. Ninguém acreditava que eu tinha achado aqueles dez reais, até que minha avó abriu a carteira e percebeu que não estava faltando dinheiro nenhum lá.

Se você é terrível, preste atenção no que pode te acontecer. As pessoas começam a não acreditar mais em você

— além, claro, de todos os castigos e broncas. Sem contar a vergonha que sua família tem que passar se desculpando com as pessoas. Se alguém perguntasse para a minha avó sobre tudo o que eu aprontava, acho que ela poderia escrever um livro inteiro de tantas histórias. Mas ela deve ter orado tanto para eu me acalmar que hoje sou uma ex-peste, fico na minha, na paz, e nunca brigo com ninguém.



# pais novinhos

No dia em que nasci, minha mãe tinha dezoito, e meu pai, dezesseis. Ele ainda estava na escola, e ela tinha acabado de se formar no colegial. Eram duas crianças. Meu pai matava aula para me ver quando eu era bebê e ia de bicicleta levar leite para mim. Imaginem quanta aula ele perdeu. É estranho pensar que meus pais me tiveram com a minha idade de hoje. Se eu tivesse um filho agora, seria muito difícil. Não sei o que faria, mas provavelmente minha mãe precisaria me ajudar muito, assim como minha avó a ajudou. Foi por isso que morei muitos anos em Guarulhos com meus avós.

Sempre me perguntam como é ter pais tão novinhos. Para mim é normal, porque estou acostumada desde sempre. Mas eles são novos *mesmo*, e as pessoas se assustam quando descobrem a idade dos dois. O mais legal de ter pais jovens é que eles são modernos e entendem tudo de internet — minha mãe tem Instagram, Twitter e me segue no Snapchat. Então posso dizer que eles entendem a minha vida e o meu trabalho, e isso faz com que me apoiem mais

ainda. Os pais das minhas amigas, por exemplo, são mais velhos e vivem me perguntando: "Por que você tem tantos seguidores? O que você fica fazendo na internet?"

Pais jovens muitas vezes gostam das mesmas coisas que os filhos. Quem tem pais novos, quando chega na idade de já poder sair, percebe que eles também fazem as mesmas coisas: saem, se divertem, gostam de ir a shows. Não são como pais velhos, que levam os filhos para o rolê, dormem e depois acordam para buscar. Ou que ficam bravos porque os filhos querem sair. Até acontece de o meu pai frequentar o mesmo festival que eu, por exemplo. Quando ando com meu pai por aí e ele diz que é meu pai, as pessoas ficam em choque. Ele fica se achando, dizendo que está conservado.

Ter pais novos tem a parte ruim também. Eles lembram demais como é ser adolescente. Já fizeram muita merda na adolescência. Afinal, é algo recente, se você parar para pensar que eles foram adolescentes há quinze anos. Então eles acham que você vai fazer as mesmas besteiras e ficam tensos com isso. Mas os meus confiam muito em mim, e a gente se dá muito bem. Meu pai é mais jovenzão e minha mãe já é mais na dela, bem mãezona mesmo. Eles são separados desde sempre, e eu me acostumei a ter os dois assim.



# meus irmãos

Meus pais já eram separados quando eu nasci, por isso é estranho quando me perguntam como é não morar com os dois juntos. Nunca precisei me acostumar com a ideia, sempre foi o normal para mim. Os anos foram passando e meus pais formaram novas famílias, namoraram e casaram com outras pessoas e tiveram outros filhos. Hoje tenho várias famílias, muitos irmãos e acho maravilhoso que seja assim.

São quatro irmãos no total: o Renatinho, de doze anos, e a Rafa, de seis, por parte de pai, e o José Augusto, de nove anos, e o João Francisco, de dois, por parte de mãe. Sou a mais velha e adoro ter irmãos mais novos. Mas queria ter um com idade mais próxima a mim. É muito legal ser a irmã mais velha, brinco com todos e nos damos muito bem. Amo meus irmãos. <3

Acho engraçado que quase todas as minhas amigas que têm irmãos digam que não gostam deles ou que brigam muito. As pessoas ficam chocadas quando falo que meus irmãos são muito legais e que amo estar perto deles.

A gente nunca briga, mas quando acontece é rapidinho e já voltamos a ficar bem.

Eles entendem meu trabalho mesmo sendo crianças. Alguns colegas de escola mandam recados para mim através deles, que chegam em casa e contam, muito empolgados, que me mandaram beijo etc. Acontece também de pedirem para tirar foto com eles na escola — meus irmãos aparecem no meu Snapchat, então todo mundo acaba conhecendo. Principalmente o José e o João, que moram com minha mãe, onde eu fico quando estou em Catanduva. Cresci sem irmãos e de repente comecei a ter um monte... E pode ser que eu tenha mais ainda, já que meus pais são muito novos. Quem sabe na próxima edição do livro eu já não tenha que fazer uma atualização. ;)



# ladras de ovos

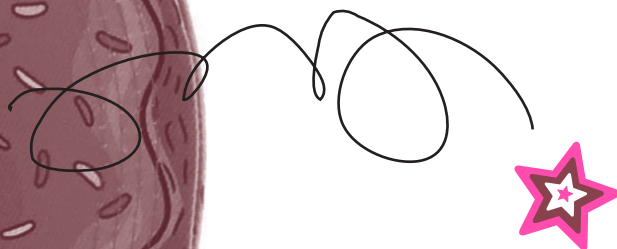
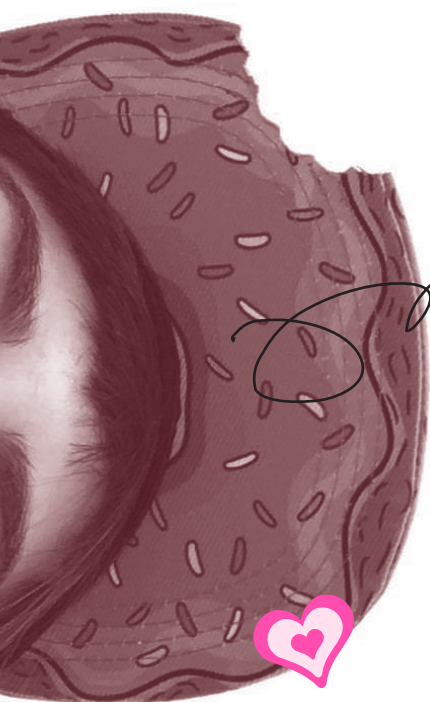
Minha melhor amiga do condomínio era a Thamyres. Nós éramos vizinhas e muito amigas, a ponto de ela dividir os patins comigo. Ela andava com o pé direito e eu com o pé esquerdo — mas eu dava um jeito de calçar no direito porque assim tinha mais equilíbrio. Nós aprontamos muito e vivemos nosso dia de ladras de ovos de Páscoa juntas (mais uma história dessa infância tão gracinha).

Toda Páscoa minha avó vendia ovos no condomínio e para a família. Ela comprava de uma senhora que fazia e depois revendia. A casa dela ficava cheia de encomendas de ovos. Um dia eu e a Thamyres decidimos mexer nos ovos e roubar um deles. Nós escolhemos o de prestígio, que era o maior. Nem estávamos a fim de comer ovo de Páscoa, a graça era só roubar um da minha avó mesmo.

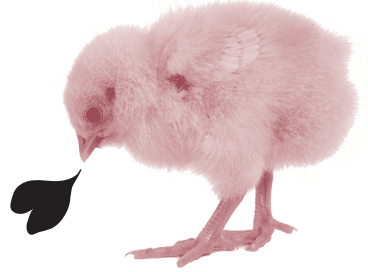
Descemos para o parquinho do condomínio comendo aquele ovo enorme, cada uma com uma metade. Mas era tão grande que começamos a não aguentar mais. A gente mordida e nunca acabava. Ficamos sujas de cho-

colate e passamos a oferecer para os guardinhas e para qualquer pessoa que passasse, mas ninguém aceitava.

Já imundas de chocolate e andando sem rumo com os restos na mão, decidimos jogar tudo o que sobrou do ovo no lixo, tentando disfarçar aquilo que tínhamos feito. E então começamos a ouvir nossas avós gritando horrores: estavam muito bravas e provavelmente levaram a gente para casa e nos colocaram de castigo direto. Nem lembro direito, mas com certeza foi um castigo daqueles. O pior é que minha avó faz até hoje um bolo prestígio que é supergostoso, mas nunca mais consegui chegar perto depois de comer sozinha quase a metade daquele ovo enorme. Problemas com que ladras de ovos têm que lidar para todo o sempre.



# tico



Já tive alguns bichos de estimação: tartaruga, cachorro, coelho, chinchila. Mas teve um que foi especial. Toda terça tinha feira no meu bairro. Um dia apareceram uns caras vendendo pintinhos. Só que eles pintavam os bichinhos de roxo, verde, rosa. Hoje em dia nem sei se isso ainda existe ou se é permitido, mas eu era muito pequena e aquela era a coisa mais maravilhosa que eu já tinha visto.

Quis um, claro.

Compramos, eu e minha prima, um pintinho rosa, mas a minha avó não deixou que ele ficasse em casa. Então ele ficou morando na casa da minha tia, e eu só via o pintinho quando ia lá. A brincadeira que eu e minha prima mais gostávamos de fazer era colocar o Tico (esse era o nome dele) no carro da Barbie. A gente dava corda para trás e soltava o carro, depois continuava empurrando e fingindo que ele estava dirigindo. Tadinho. Sempre que o soltávamos, no chão, falávamos “Ticoooo, na passarela!”.

O pobre do Tico cresceu até virar um minigalinho, e aí a gente mudou a brincadeira e começou a brincar de

jogá-lo para o alto para ver se ele descia voando. Quer dizer, nunca que ele tinha paz. Apesar dessas brincadeiras sem noção de criança, amávamos o Tico. Ficamos uns seis meses com ele na nossa vida. Um dia chegamos da igreja e não ouvimos o “piu, piu, piu” de sempre. Ele estava morto. A gente enrolou o Tico no jornal, colocou em um saco e jogou na lixeira. :(



# sou de humanas

Deve existir alguém que gosta da escola, mas eu não sou essa pessoa. Tá, eu até gosto um pouco. Sinto saudade quando estou de férias, mas como é que as pessoas conseguem acordar tão cedo todos os dias? Só acho bom acordar cedo quando é para viajar, mas aí quem não gosta, né? Hahaha.

Estou no último ano. Algumas pessoas ficam surpresas com o fato de eu ainda estudar, porque acham que sou mais velha. Então já vou responder aqui para todos que vivem me perguntando: repeti o primeiro colegial. Já era para eu ter terminado a escola no final de 2015. Como foi horrível o dia em que descobri que repeti! Estava de férias na casa da minha avó e meu pai ligou. Ela me acordou chorando e dizendo que eu não tinha passado de ano. Fiquei muito mal e cogitei nunca mais sair de casa de tanta vergonha. Não queria fazer nada nunca mais. Minha família me ajudou e me acalmou, dizendo "Tudo bem, repetir de ano acontece!". Eles foram muito legais comigo naquele momento. Então comecei a conhecer outras pessoas que

também tinham sido reprovadas — e aí vi que acontece nas melhores famílias mesmo.

Cada ano gosto de uma matéria. Já curti muito biologia, principalmente porque repeti e fiquei dois anos aprendendo sobre genética. Então eu sabia tudo sobre DNA e era bem nerd nessa matéria. Também teve uma época, na minha escola de Guarulhos, em que o professor de matemática criava umas musiquinhas para a gente decorar as fórmulas. Foi assim que decorei a fórmula de Bhaskara e aprendi a calcular a tangente.

Quando mudei para Catanduva, queria ensinar essas musiquinhas para todo mundo. Qualquer dia posso gravar um vídeo ensinando esses truques para vocês, e todo mundo vai tirar dez graças a mim, o.k.? Foi só aí que gostei de exatas, porque não suporto esse tipo de matéria. Física não desce nem um pouco (talvez se eu entendesse alguma coisa...), e química só às vezes. Gosto de história e geografia. Sou de humanas. Inclusive já estou aqui fazendo um colar de miçangas para vender para vocês. ;)

Várias pessoas da minha sala têm emprego, mas o meu trabalho é um pouco diferente. Eu saio da aula e tenho que viajar, por exemplo, para trabalhar em São Paulo. Minha agenda é maluca e nada é fixo. Isso me faz faltar muito. Sempre fui uma aluna que nunca faltou nem chegou atrasada — meu boletim tinha 100% de frequência na época em que morei com meus avós. Agora tenho que pedir para os meus colegas de sala me mandarem foto do caderno deles para eu copiar. No meu celular só tem foto de cadernos e de lousa cheia de matéria. Muita gente não entende como alguém

consegue estudar e trabalhar assim ao mesmo tempo. Eu também não entendo, mas eu tento. Levo meu computador e o material na mochila para tentar estudar nos intervalos de alguma gravação ou foto. Acordo às cinco da manhã para tentar fazer a lição ou estudar para as provas. Faço a lição entre uma aula e outra na sala. Vou dando um jeito, enfim.

Acho que quando eu acabar o último ano vou sentir saudade da escola. De acordar cedo e fazer a mesma coisa todo dia. Mentira: no dia em que eu me formar vai ser um alívio muito grande. Nem sei o que eu vou fazer primeiro, se é dormir, viajar ou trabalhar. Sempre me perguntam se vou fazer faculdade. Acho que vou tirar um ano para trabalhar muito e depois pensar em estudar de novo. Sei que vai ser algo de humanas e que vai ter a ver com o trabalho que eu já faço, mas veremos... Muita coisa pode acontecer.



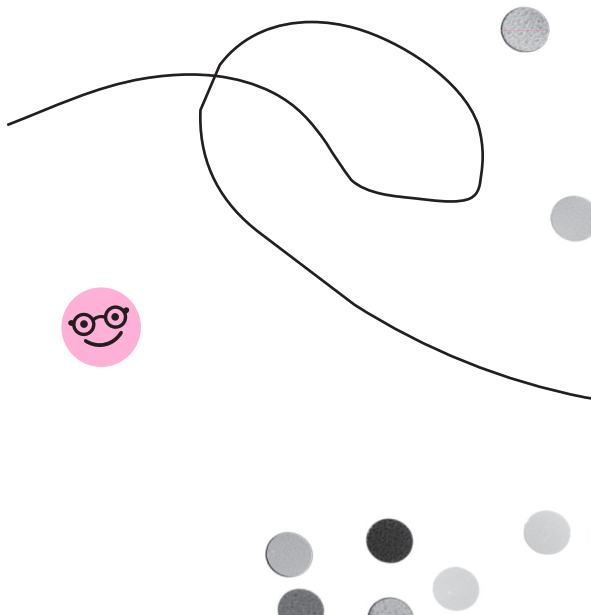
# o que eu não vou ser

Quando eu era novinha, fazia vôlei em um clube do meu bairro. Um dia parei de ir. A decisão não tinha nada a ver com o esporte: foi porque furei todas as caixas de suco que davam no lanche para as crianças e deu o maior problema. Os professores quiseram saber quem tinha feito aquilo e acabei confessando. Como todo mundo ficou horrorizado, resolvi parar de ir. (Mais uma história de criança terrível para este livro, porque sempre cabe mais uma.)

Além do vôlei, fazia ginástica olímpica. Fui ginasta por quase oito anos. Usava um collant escrito Maria Júlia, que guardo até hoje. Minha avó jogava um quilo de gel no meu cabelo, prendia bem preso com grampos e eu ia me apresentar, enquanto ela tirava mil fotos. Ganhei umas treze medalhas ao todo, se não me engano. A maioria de bronze e prata. Só umas duas ou três foram de ouro, quando competia em grupo. Treinava toda terça e quinta por duas horas. Minha barriga era trincada. O professor mandava a gente fazer duzentos abdominais em cada treino. A competição era entre escolas, e eu era magrinha e levinha. Todo mundo

queria fazer dupla comigo para me carregar. Sempre ficava muito nervosa nas competições, mas gostava daquilo. Amava as roupas que usava para me apresentar e odiava ter que fazer coque com o cabelo puxado de gel. Se não tivesse parado, talvez estivesse competindo até hoje, mas quando mudei para o interior interrompi os treinos de vez.

Fora a minha “carreira” de ginasta, eu também passava os braços de trás para a frente com eles juntos por cima da cabeça, tipo aquelas crianças que se contorcem inteiras em programas de calouros na tv. As pessoas pediam toda hora para eu fazer isso. Tive até um problema nas costas — inclusive ainda hoje sou torta e corcunda —, que me levou a fazer alguns anos de RPG. Também fiz balé no fundamental I e karatê no oitavo ano (sei contar até dez em japonês, mas não sei nenhum golpe). Só nadar que não sei até hoje. Se entro em uma piscina, só sei boiar com a mão no nariz.



Mas esse tempo todo eu não sonhava em ser ginasta — queria mesmo era ser chef de cozinha. Porque eu gostava de ajudar minha avó a cozinhar. Detalhe: hoje em dia não sei fazer nada, nem arroz. Acho que não prestei nenhuma atenção no que ela fazia enquanto ajudava. Que chef de cozinha fajuta! Da minha lista do que vou ser quando crescer, já risquei Daiane dos Santos, chef de cozinha, nadadora e contorcionista de programa de auditório.

